

# O papel da iconicidade da língua na literatura

Lucia Santaella\*

## Resumo

Segundo a tese saussuriana da arbitrariedade do signo, a relação entre o significante lingüístico e o seu significado é puramente convencional. Embora essa tese seja, sem dúvida, relevante, ela foi relativizada por Saussure ele mesmo, ao constatar os inúmeros casos de motivação na língua. Por motivação entende-se a presença de semelhanças entre o significante e o significado. Os aspectos motivacionais da língua foram bastante reforçados a partir dos estudos de Jakobson baseados nas classificações de signos de C. S. Peirce. Tendo essas referências como pressupostas, este artigo tem por objetivo discutir os aspectos indiciários e icônicos do signo verbal para evidenciar que é na face motivacional da língua que se estabelecem as relações de parentesco entre a língua e a literatura.

Palavras-chave: Arbitrariedade lingüística; Motivação; Dêixis; Indexicalidade; Iconicidade; Sentido poético.

Mesmo quando postulou a arbitrariedade do signo lingüístico, Saussure não estava bem certo disso, pois não tardou em relativizar a sua tese com a postulação contrária sobre os aspectos de motivação dos signos. Entendendo-se por arbitrariedade a ausência de similaridade entre o significante e o significado, e por motivação, a presença dessa semelhança, pode-se, de fato, afirmar que o discurso verbal não é inteiramente arbitrário. O universo lingüístico, desde o nível fonológico até o discursivo, configura-se em uma intrincada mistura e equilíbrio dinâmico entre os aspectos arbitrários e os motivados. No seu famoso ensaio “À procura da essência da linguagem”, Roman Jakobson (1965) foi

---

\* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

um dos primeiros lingüistas a analisar o funcionamento dos aspectos motivacionais da língua à luz da teoria dos signos de Charles Sanders Peirce. Nessa teoria, o signo motivado recebe o nome de ícone, a saber, um signo que significa seu objeto porque, de alguma maneira, assemelha-se a ele, como é o caso exemplar da imagem, quando, por exemplo, o desenho de um rosto apresenta semelhanças com o rosto que lhe serviu de modelo, o que nos permite reconhecer um tal rosto naquele desenho.

## O QUESTIONAMENTO DA ARBITRARIEDADE DA LÍNGUA

Além dos ícones, há um outro tipo de signo que também coloca em questão a hegemonia da convencionalidade da língua. Trata-se do signo indexical ou índice, que significa seu objeto porque, de uma forma ou de outra, toma parte no contexto existencial desse objeto e aponta para ele. Embora só tenha recebido com mais freqüência o nome de indexicalidade sob influência da teoria de signos de Peirce, essa questão já era tratada, na lingüística, psicologia e lógica, há muito tempo, sob o nome de dêixis, “particulares egocêntricos” (Russel), “expressões *token-reflexivas*” (Reichenbach), “demonstrativos” (Perry), “shifters” (Jakobson) etc. (ver LEEZENBERG, 1994).

O termo “dêixis”, derivado de uma palavra grega que significa apontar, refere-se ao modo particular como a interpretação de certas expressões lingüísticas depende do contexto em que são produzidas ou interpretadas. Os exemplos mais evidentes de dêixis são os pronomes pessoais, por exemplo, “eu” que aponta para a pessoa que fala e “tu” que se refere àquele a quem a mensagem se dirige, os advérbios de tempo e lugar, como “agora” que designa o momento do ato enunciativo, “aqui”, o lugar em que se enuncia, e ainda os demonstrativos, “este papel” que indica a proximidade física do enunciador em relação ao objeto designado. Por dependerem do contexto de emissão, essas expressões introduzem uma relatividade interpretativa. “Eu estou aqui agora, falando com vocês” expressa proposições distintas em cada momento de uso, pois seu significado depende de quem é esse “eu” que fala e de onde fala etc. Essa dependência contextual da dêixis é muito mais pervasiva do que podemos imaginar a princípio, pois ela se insinua já na temporalidade verbal. Nessa medida, uma frase qualquer como “Ela foi ao supermercado” já introduz um indicador de que isso aconteceu antes de que essa frase fosse emitida, e assim por diante.

É muito grande o número de estudos sobre deixis e indexicalidade. Alguns desses estudos estão voltados para a relação entre a gramática e a cultura, ou para a relação entre a convenção lingüística e o mundo, ou ainda para as relações dos

pronomes pessoais e a construção lingüística da identidade social e pessoal. Dada sua dependência contextual e conseqüente relatividade interpretativa, as crianças têm dificuldade para adquirir o domínio lingüístico dos termos dêiticos. Há, por isso mesmo, estudos voltados tanto para a aquisição desses termos, quanto para os aspectos cognitivos da dêixis (ver SANTAELLA, 2001).

Sob o nome mais genérico de indexicalidade, os estudos estão voltados para os diferentes níveis lingüísticos: o fonológico, o morfológico, o lexical e o nível das expressões lingüísticas. Há ainda trabalhos dedicados à ligação do índice lingüístico com a comunicação não-verbal e para o tratamento da indexicalidade sob o ponto de vista de uma semiótica da experiência.

Embora também coloque em questão a arbitrariedade dos signos lingüísticos, a indexicalidade é relevante para se considerar as questões relativas à referencialidade da língua. Por ser ainda mais incisiva no questionamento da arbitrariedade, a iconicidade se revela imprescindível para o exame das relações entre língua e literatura, pois um dos aspectos mais fundamentais da literatura encontra-se no seu poder transgressor contra a institucionalização, a convencionalidade e o lugar comum da língua. Por isso mesmo, o objetivo desta minha apresentação é colocar em destaque o papel desempenhado pelo ícone nas intersecções entre a língua e a literatura.

Enquanto os estudos da indexicalidade na língua estão ligados a uma tradição que vem da lógica e da lingüística, sob o nome de “mímesis”, as indagações sobre a iconicidade da língua remontam ao **Crátilo** de Platão. Nesse diálogo, Sócrates “inclina-se a reconhecer que a representação por semelhança é superior ao emprego de signos arbitrários, mas, a despeito do poder de sedução da semelhança, ele julga ter que admitir a intervenção de um fator complementar: a convenção, o costume, o hábito” (JAKOBSON, 1965). A partir da influência da teoria dos signos de Peirce, a mimesis lingüística passou a receber o nome de iconicidade e, desde o ensaio seminal de Jakobson, a bibliografia sobre iconicidade lingüística cresceu exponencialmente.

## A ICONICIDADE LINGÜÍSTICA

Como se sabe, há três tipos de signos icônicos, a imagem, quando a semelhança entre o signo e o objeto significado é uma semelhança na aparência; o diagrama, quando a semelhança se apresenta nas relações internas e a metáfora quando ocorre uma semelhança de significados. No seu ensaio, Jakobson colocou ênfase no ícone diagramático, evidenciando o papel por ele desempenhado nos padrões sintáticos das frases. Assim, a cadeia de verbos “Vim, vi, venci” nos

informa sobre a ordem dos feitos de Caesar sobretudo porque a seqüência de pretéritos coordenados é usada para reproduzir a sucessão de ocorrências relatadas. A ordem temporal dos eventos enunciados tende a espelhar no tempo ou na importância a ordem dos eventos ocorridos.

A morfologia também é rica em exemplos de iconicidade. Na maioria das línguas indo-européias, os graus comparativo e superlativo dos adjetivos mostram um crescimento gradual no número de fonemas, desenhando o significado na própria fisicalidade da palavra, como por exemplo, em *high-higher-highest* ou *altus-altior-altissimus*. É na poesia, entretanto, que o potencial icônico da língua é levado aos seus limites. Daí Jakobson ter chamado o poeta de designer da linguagem.

Quase sempre inspirado em Peirce via Jakobson, há um vasto número de ensaios sobre a iconicidade na literatura. Esses ensaios apresentam desde uma visão geral do papel desempenhado pelo ícone no texto literário até a leitura de aspectos mais pontuais, como se pode encontrar na qualidade icônica do ritmo poético, na forma e desempenho visual da poesia, no modo pelo qual o som e a forma corporificam o sentido poético. Há estudos ainda que examinam o papel muitas vezes sedutoramente secreto que o ícone desempenha em textos poéticos, publicitários, políticos etc.

Desde a antiga retórica já se levava em conta que certos aspectos do ordenamento dos textos devem ser vistos como ícones da experiência, no sentido de que “a ordem dos constituintes e cláusulas dentro das sentenças e destas dentro do texto pode ser manipulada para revelar isomorfismos com a ordem da experiência do, ou das coisas no mundo” (ENKVIST, 1981, p. 77).

Assim como ocorre com a indexicalidade, os estudos da iconicidade também se estendem através da fonologia, morfologia, lexicologia, fraseologia, sintaxe e processos de gramaticalização.

Tendo todo esse contexto como pano de fundo, Anderson publicou, em 1999, seu estudo sobre “Uma Gramática do Iconismo”. A onomatopéia, a sinestesia e outras formas de iconismo são aí sistematicamente examinadas. Devido à centralidade da tese da arbitrariedade dos signos da língua, os elementos lingüísticos motivados foram, de certa forma, marginalizados pelos estudiosos. Partindo das mais antigas teorias sobre a natureza analógica da linguagem, Anderson mostra que os argumentos contra o iconismo estão baseados em uma visão esquemática dos signos icônicos. O autor aprofunda-se nesse conceito para demonstrar que certos sons e padrões de sons ocorrem repetidamente para representar fenômenos idênticos ou similares. Entre eles, estão as correlações entre as posições das vogais, gradação fonêmica, duplicação silábica e misturas entre essas características.

Análises finamente sistemáticas da iconicidade na língua e na literatura são

as de Nöth (1992, 1993, 1999 e no prelo). No seu exame do potencial semiótico da iconicidade em textos falados e escritos (1992), o autor explica que muitas das limitações para a iconicidade lingüística repousam na disparidade entre a plurimedialidade do mundo e os limites midiáticos da fala e da escrita, especialmente da fala já que o canal acústico não é o canal primário para a percepção do mundo. Entretanto, a linguagem icônica pode descrever fenômenos experienciados pelo mesmo canal ou por um canal diferente da percepção. O primeiro caso é definido como intramedialidade icônica e o segundo de intermedialidade icônica.

Quando a fala descreve fenômenos acústicos e a escrita fenômenos visuais, tem-se a intramedialidade. Quando há uma troca entre eles tem-se a intermedialidade, cuja forma mais importante está na representação acústica do mundo visual, como em “Vim, vi, venci”. Padrões de duração, velocidade e repetição podem ocorrer tanto na fala quanto na escrita, constituindo-se em um potencial básico para a iconicidade. Outra fonte de intermedialidade icônica está na sinestesia.

Uma importante distinção estabelecida por Nöth (1992, p. 195) está na iconicidade exofórica e endofórica. A exofórica se refere à similaridade entre a linguagem e aquilo que está fora dela. A endofórica diz respeito a segmentos lingüísticos que se assemelham a segmentos lingüísticos precedentes, revelando a riqueza da iconicidade endofórica na linguagem cotidiana, poética e na escrita alfabética.

Na sua análise da iconicidade das simetrias e assimetrias na coordenação sintática, Nöth (1993) explica que as conjunções simétricas, como aparecem em enumerações (“Marcos, Lucas e Jonas”), em intensificação (“mais e mais nervoso”), em simultaneidade (“indo e vindo”) etc., geralmente não são ícones de simetrias existentes fora da linguagem, mas sim com respeito à sua equivalência distributiva. “Essa equivalência pode ser considerada como um ícone da relação de equivalência entre as cognições às quais os conjuntos se referem” (p. 25).

Voltando-se para as fundações semióticas da iconicidade na língua e na literatura, Nöth (no prelo) amplia sua leitura da iconicidade até o campo da auto-referência na literatura e o campo da cognição. Para Nöth (1999), os ícones são onipresentes na língua e isto se dá porque, de acordo com Peirce, “o único modo de comunicar diretamente uma idéia é por meio de ícones” (CP, v. 2, p. 278).<sup>1</sup> Além disso, Nöth (1999) acrescenta que a ubiqüidade da iconicidade na língua e a necessidade de elementos icônicos no processo de comunicação têm duas outras faces adicionais. Uma delas está no fato de que a iconicidade é a fonte da criatividade, visto que “o único modo de transmitir novas idéias é por meio de um

---

<sup>1</sup> As referências no texto serão feitas sob CP seguido de número do volume e número de parágrafo, 1931-58.

complexo de ícones” (p. 617). Apenas através de conjunções ou disjunções de ícones podemos chegar “a imagens compósitas das quais o todo ainda não é familiar” (CP, v. 3, p. 433). A outra face é a de que a iconicidade é a fonte de entendimento mútuo entre o falante e o ouvinte, pois a ubiquidade icônica tem a ver com a simetria entre os signos do emissor e as interpretações do receptor.

A comunicação bem sucedida de um falante para um ouvinte envolve três níveis de produção de ícones. O primeiro e segundo níveis estão nas mentes dos falantes e ouvintes, onde “imagens familiares” são evocadas. O terceiro se deve ao paralelismo entre essas duas imagens, o que faz das imagens do ouvinte um ícone das imagens do falante. Note-se, contudo, que essa iconicidade no paralelismo entre a interpretação sígnica do falante e do ouvinte não é de modo algum perfeita. Ao contrário, o falante só pode supor ou talvez ter esperança de que o ouvinte evoque as mesmas imagens, mas, na realidade, há sempre diferenças que permanecem e dão origem à dialógica “seqüência de interpretações sucessivas” ad infinitum no processo dialógico de semiose ilimitada. (NÖTH, 1999, p. 618)

Não só na poesia, mas também na narrativa a iconicidade diagramática fica evidente nos recursos empregados para a concatenação das seqüências narrativas, com seus recuos, avanços, paralelismos e espelhamentos que desenham figuras espaciais.

Enfim, a onipresença da indexicalidade e iconicidade na linguagem verbal que vem sendo explorada por tantos autores é justamente aquilo que nos permite compreender por que, sem deixar de nascer no seio da língua, a literatura pode se constituir em sistemas de codificação autônomos, tais como foram estudados pelos formalistas russos sob o nome de literariedade, tanto na poesia quanto na prosa. É a forte presença da iconicidade na poesia que também levou Fenollosa a propor o ideograma como um meio para a poesia.

## O ÍCONE POÉTICO E A CORPORIFICAÇÃO DO SENTIDO

De fato, tanto mais poético é um texto, quanto mais a linguagem é capaz de fazer, na própria materialidade das palavras, aquilo sobre o que fala, quanto mais é capaz de dar corpo ao sentido. Bastam dois exemplos para ficar demonstrado como isso se manifesta.

Tomemos os versos finais do poema “Eni”, pertencente à fase pré-concreta de Décio Pignatari:

E ela depõe, aos pés de ocre do castelo,  
as pálpebras, aos poucos liquefeitas  
ouro – um malentendimento de ternura  
na tarde decadente, cáctus.

As aliterações em p/d/k/s, contidas em “E ela depõe aos pés de ocre do castelo, as pálpebras aos poucos liquefeitas ouro”, entremeadas de uma grande incidência de ditongos, criam um tecido sonoro que escorrega lentamente e corporifica sutilmente, nas próprias palavras, o processo físico dos olhos que pouco a pouco marejam e do gradativo abaixar das pálpebras. Essa isomorfia sonora tem sua correspondência também no plano sintático onde a recorrência de preposições (aos/de/do/aos) compõe um fio de ligações que avançam lentamente. Além disso, o sintagma em ordem indireta, que desloca “as pálpebras”, entre vírgulas, para um início de verso, vem colocar esse termo em primeiro plano e pôr em destaque a engenhosa condensação “liquefeitas ouro”. O termo “ouro”, separado de “liquefeitas” e também deslocado para o verso seguinte, entra em paralelo posicional com “pálpebras”, compondo-se ambos em um mesmo plano. Dá-se aí uma incrível condensação que interpenetra o brilho solar na lágrima e entrecruza o movimento do descer das pálpebras com o cair do sol.

Segue-se, deslocado por um travessão, o último sintagma do poema “– um malentendimento de ternura na tarde decadente, cáctus”. Pode-se observar aí que o malentendimento materialmente se estende no próprio comprimento da palavra e sonoramente se redistribui nas aliterações e coliterações t/d, l/r, m/n, contidas em “de ternura na tarde decadente”. Este grupo frásico embolsa um outro sintagma possível: “ternura arde decadente”. Por uma espécie de magnetismo semântico (arde decadente) e sonoro (k/a/t), a frase atrai a ocorrência da palavra “cáctus”. Em primeiríssimo plano, isolada, essa palavra como que faz a síntese final do próprio malentendimento.

Estancando abruptamente a vertente emotiva que transpira em “ternura”, a palavra “cáctus” fecha o poema como o avesso semântico de “castelo”. O “malentendimento de ternura”, subitamente cortado, colide com o primeiríssimo plano de “cáctus” e faz surgir nessa incongruência a tensão indiscernível dos sentimentos de Eni constituindo um instante intenso.

Um segundo exemplo pode ser encontrado nos versos também finais de um soneto de Sá de Miranda:

...  
pois que trago a mim comigo  
tamanho imigo de mim.

Esse segmento final funciona como uma corporificação do sentido central do poema, expresso nos seus versos iniciais:

Comigo me desavim  
Sou posto a todo perigo  
Não posso viver comigo  
Não posso fugir de mim

Já nesses versos, a dramática divisão interna de um eu que luta consigo mesmo é iconizada no jogo de comutações dos /is/ e dos /ms/. O /mi/ de “comigo” inverte-se no /im/ de “desavim”. O mesmo espelhamento repete-se em “comigo” e “mim” no terceiro e quarto versos. Esse jogo nos leva a postular que a especularização dos sons e letras /m/ e /i/ estão pondo em cena a divisão interna do “eu”, desdobrado em si próprio e seu avesso simétrico. Essa postulação parece se comprovar inteiramente nos dois versos finais do poema, quando os desdobramentos especulares dos /is/ e /ms/ são levados ao paroxismo, emblematizados no pronome “mim”. De fato, na junção do /mi/ e do /im/, esse pronome condensa o espelhamento em uma só palavra: “mim”. Mas o jogo de espelhos não pára aí. A palavra “mim” é replicada invertidamente em /imi/ dentro da palavra “imigo”, configurando a inexorável divisão de um eu que, na luta para sair de si, multiplica-se em seus espelhos.

Esses dois exemplos parecem suficientes para demonstrar que a lei da poesia é aquela de trazer à luz o potencial icônico da língua. Um pontencial que o poeta sabe extrair, transfigurando a convencionalidade em sentidos motivados que saltam à flor da pele das palavras.

## Abstract

According to the Saussurian thesis of the arbitrariness of the sign, the relation between the signifier and the signified is purely conventional. Although this thesis is, undoubtedly, relevant, it was relativized by Saussure himself, when he observed the aspects of motivation in language. Motivation means the presence of similarities between the signifier and the signified. The motivational aspects of language were reinforced since Jakobson's studies based on C. S. Peirce classification of the signs. Having these references as presupposed, the aim of this article is to discuss the indexical and iconic aspects of language in order to demonstrate that it is on the motivational face of language that the relationships between language and literature are established.

Key words: Linguistic arbitrariness; Motivation; Deixis; Indexicality; Iconicity; Poetic sense.

## Referências

- ANDERSON, Earl R. **A grammar of iconism**. London: Associated University Press, 1999.
- ENKVIST, Nils Erik. Experiential iconism in text strategy. **Text** 1, n. 1, p. 77-111, 1981.
- JAKOBSON, Roman. A la recherche de l'essence du langage. In: JAKOBSON, Roman. **Diogene**. [S. l.]: [s. n.], 1965. p. 22-38.

LEEZENBERG, M. Indexicals. In: ASHER, R. E.; SIMPSON, J. M. (Eds.). **The encyclopedia of language and linguistics**. New York: Pergamon Press, 1994. v. 3. p. 1.648-1.651.

NÖTH, Winfried. The semiotic potential for iconicity in spoken and written language. **Kodikas/Code** 13, p. 191-209, 1992.

NÖTH, Winfried. Iconicity of simetries and asymetries in syntactic coordination. In: KÜPER, Christoph (Ed.). **Von der Sprache zur Literatur: Motiviertheit im sprachlichen und im poetischen Kode**. Tübingen: Staufenburg, 1993. p. 23-36.

NÖTH, Winfried. Peircean semiotics in the study of iconicity in language. **Transactions of the Charles S. Peirce Society**, v. XXXV, n. 3, p. 613-619, 1999.

NÖTH, Winfried. Semiotic foundations of iconicity in language and literature. In: FISCHER, O.; NÄNNY, M. (Eds.). **Iconicity in Language and Literature**. Amsterdam: Benjamins. (no prelo)

PEIRCE, C. S. **Collected Papers**. v. 1-6, Hartshorne and Weiss (eds.); v. 7-8, Burks (ed.) Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1931-58.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento; sonora, visual, verbal**. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001.